

# DICIONÁRIO, GLOSSÁRIO OU VOCABULÁRIO? UMA ANÁLISE DE OBRAS LEXICOGRÁFICAS E TERMINOGRÁFICAS EM LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS.

Patricia Tuxi<sup>1</sup>

Universidade de Brasília - UnB

## INTRODUÇÃO

Este trabalho, que se insere na linha de pesquisa da Terminografia e da Lexicografia da Língua Brasileira de Sinais - Libras, desenvolvido no Centro de Estudos Lexicais e Terminológicos – CentroLexterm e no Laboratório de Linguística de Língua Brasileira de Sinais – LabLibras, ambos sob a coordenação e orientação da Professora Doutora Enilde Faulstich, no Instituto de Letras –IL, na Universidade de Brasília – UnB apresenta uma proposta de análise de obras intituladas como dicionários, glossários, sinalários ou vocabulários bilíngues.

A produção de dicionários, glossário e vocabulários no âmbito da Língua Brasileira de Sinais - Libras aumentou consideravelmente na última década. Dentre as razões desse crescimento é possível destacar os seguintes motivos: i) reflexo da política linguística da língua de sinais no Brasil, que está em constante movimento de validação social; ii) constatação pela comunidade surda da lacuna lexical e terminológica no âmbito do discurso comum e de especialidade em Libras, principalmente nos espaços acadêmicos e iii) aumento das pesquisas realizadas no âmbito da Linguística, em especial, na área de Lexicologia e Terminologia.

A expansão no campo da Lexicografia e Terminologia é um reflexo político e linguístico de acompanhar o crescimento da língua. Como Faulstich afirma “*as línguas são por natureza, sistemas de representação, regidas por palavras e regras. Nesse caso, o melhor lugar de representar o que pensam os povos que falam uma língua é um dicionário*” (FAULSTICH, 2010, p. 168). Portanto, o dicionário é um registro do pensamento de um povo e seus costumes. É o espaço onde fica registrado a noção de

---

<sup>1</sup> Doutoranda na área da Linguística pela Universidade de Brasília e Mestre em Educação pela Universidade de Brasília - UnB (2009). Tradutora e Intérprete de Língua Brasileira de Sinais – Libras. Desenvolve pesquisas nas áreas de Terminologia e Léxico da Libras. Professora Assistente no Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas – LIP, do Instituto de Letras – IL, na Universidade de Brasília – UnB, Brasília, Distrito Federal, Brasil. [ptuxiinterprete@gmail.com](mailto:ptuxiinterprete@gmail.com)  
TUXI, Patrícia. **DICIONÁRIO, GLOSSÁRIO OU VOCABULÁRIO? UMA ANÁLISE DE OBRAS LEXICOGRÁFICAS E TERMINOGRÁFICAS EM LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS.** In: I Congresso Nacional de Pesquisas em Linguística de Línguas de Sinais, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2016, p.1-15.

valor de determinados termos, que podem ser do léxico comum ou especializado. É a partir desse registro, que a língua apresenta ao mundo seus valores e conceitos.

Todas as sociedades desenvolvidas têm dicionários (gerais e especializados) das suas línguas respectivas, de tal forma que em alguns casos, o próprio dicionário se encontra intimamente associado à afirmação de um povo ou de uma nação, num determinado momento histórico, e mesmo ao nascimento de um país. [...] Quando uma língua se torna oficial, procura-se imediatamente que a passe a dispor de um dicionário geral monolíngue que descreva os seus vocabulário essencial e que fixe os seus modos de dizer, os seus padrões linguísticos (CORREIA, 2009.p.16).

Pelos motivos já expostos, o crescimento de registros da língua de sinais expandiu nos últimos anos. No entanto, é preciso destacar que há metodologias e propostas de organização desses materiais já estabelecidos por pesquisadores das áreas de terminografia e lexicografia.

De acordo com Faulstich (1998.p.7) *a Lexicografia é a disciplina que estuda, de forma analítica, as técnicas de elaboração de dicionários*. Essa atividade de análise, descrição e registro de léxicos de uma determinada língua é estruturada de acordo com o objeto no qual será inserido.

O estudo do conteúdo dos dicionários é realizado pela Metalexigrafia.

A Metalexigrafia ocupa-se da discussão teórica do conteúdo dos dicionários, do estabelecimento das tipologias e estruturas lexicográficas, bem como da crítica aos dicionários, tendo por base o uso que se faz dos mesmos (GOMES, 2007).

As obras lexicográficas são classificadas com base na forma de apresentação, descrição e estrutura do léxico comum. Assim sendo, esses registros podem ser organizados da seguinte forma:

**Léxico:** repertório que inventaria termos acompanhados de seus equivalentes em uma ou várias línguas, por isso podem ser bilíngues ou multilíngues. Os léxicos não comportam definições e normalmente repertoriam somente uma área do conhecimento. (FAULSTICH, 2001.p.2)

**Dicionário:** espécie de catálogo em que a ordenação dos diferentes itens, introduzidos por uma palavra ou expressão, é tipicamente alfabética (CORREIA, 2009.p.23).

**Vocabulário:** lista de palavras ou expressões de uma língua ou de um estágio dela, de um dialeto, de um autor, e de um ramo de conhecimento, técnica ou atividade. (WELKER, 2004.p.25).

Os conceitos apresentados referem-se ao léxico no discurso social e comum e que tem a função na constituição da construção e no valor e identidade da língua. Contudo quando é inserido no espaço das ciências, do conhecimento e da tecnologia, exerce um novo papel, denominado termo. O termo é o objeto que constitui a Terminologia.

A Terminologia para Krieger e Finatto (2004) é a disciplina que tem como objeto de estudo, análise e descrição o termo técnico- científico, ou seja, o léxico especializado de uma determinada área científica.

A Terminologia em sua formação pertencem a Linguística Aplicada, contudo devido ao seu grau de intensidade nos moldes de descrição e organização, não só do léxico especializado, mas também junto à gramática que a constitui a Terminologia, é área de estudo dentro da Linguística e com diversas interfaces com as demais áreas que comportam as linguagens científicas e técnicas.

A Terminologia é a disciplina que estuda o léxico de especialidade, a organização de glossários e dicionários e a elaboração de definições; é a disciplina ideal que auxilia a articulação de conceitos dos termos das áreas de especialidade (FELTEN, 2016, p. 34).

A elaboração de glossários, léxicos, e dicionários especializados de uma determinada área é o objeto de estudo e pesquisa da Terminografia. Baseados nestes estudos que se organizam obras terminológicas que podem ser monolíngues, bilíngues e multilíngues.

Dentre as obras de registro mais utilizadas na área da Terminologia estão os glossários. De acordo com Faulstich (2014), o glossário é:

[...] repertório de termos, normalmente de uma área, apresentados somente em ordem sistêmica ou somente em ordem alfabética. O ideal é que um glossário seja elaborado e concluído abrangendo tanto a ordem sistêmica quanto a ordem alfabética, assim o leitor não perde a informação que está contida numa remissão de termos. em um glossário um verbete apresenta as informações registradas na ficha de terminologia de cada termo, de acordo com a constituição que o elaborador estruturou a ficha. é preciso estar atendo para essa constituição, a fim de evitar transformar um glossário em um léxico. (FAULSTICH, 2014, pg.1)

Segundo Faulstich (1995.p.6) os glossários podem ser divididos em três categorias a partir das características do seu repertório:

i) *repertório que define termos de uma área científica ou técnica, dispostos em ordem alfabética, podendo apresentar ou não remissivas;*

ii) *repertório em que os termos, normalmente de uma área, são apresentados em ordem sistemática, acompanhados de informação gramatical, definição, remissivas podendo apresentar ou não contexto de ocorrência. A autora destaca em nota que os glossários em ordem alfabética e os em ordem sistemática podem também conter sinonímia variantes e equivalentes.*

iii) *repertório em que os termos são apresentados em ordem alfabética ou em ordem sistêmica seguidos de informação gramatical e do contexto de ocorrência. A nota neste repertório aponta que este glossário é útil para os tradutores e os intérpretes, pois são elaborados a partir das bases textuais.*

A estrutura do trabalho é organizada de acordo com o tipo de obra. Para cada tipo de dicionários, glossário ou vocabulários há uma organização a ser feita. No entanto duas estruturas são essenciais tanto para a lexicografia como a terminografia, que são a macroestrutura e a microestrutura.

Segundo Welker (2004, p. 81) *a macroestrutura é a indicação de como as entradas são organizadas.* A macroestrutura, também conhecida como paralexicografia, são todas as partes que compõem uma obra terminográfica, a saber, o prefácio, a introdução e as especificações tanto para a forma de uso quanto para a ordem de registro. Para Barros (2004, p. 151) *a macroestrutura significa a organização interna da obra composta de todas as informações pertinentes aos verbetes e sua organização.*

A microestrutura é o verbete, ou seja, a parte que contém as informações gramaticais e lexicais dos léxicos/termos que se compõem de entrada, categoria gramatical, definição, contexto, nota entre outros elementos. Logo, a microestrutura é o verbete pronto (FAULSTICH, 1995).

A microestrutura, para Marini (2013.p.7), é onde ocorre a organização dos dados. Para a autora, os dados devem ter como ordem: entradas; gênero; número; sinônimos; seta (→) – que traz o significado de que o termo é uma sigla e indica como o termo deve ser lido; indicação “Ver sin.” remete o leitor para o sinônimo quando o termo do verbete consultado é uma variante do termo preferencial, ao qual ele é remetido; definição; nota; terminologia em língua equivalente.

A estrutura de um verbete é o termo e toda a sua composição e representação em um contexto. Nas pesquisas desenvolvidas por Faulstich (1995), a verbete, traz uma estrutura definida como a apresentada abaixo:

**Verbete** = + entrada + categoria gramatical (+ - substantivo, +- sintagma terminológico, +- verbo) +- gênero +- sinônimo +- variantes+- fontes +- áreas +- subáreas +-definição +- fonte + contexto + fonte +- remissivas +- equivalentes+- fontes.

Quadro 1: Estrutura de Verbetes  
Fonte: (FAULSTICH, 1995, p. 10).

Cada item que compõe o verbete não precisa ser registrado na totalidade. Há obras que utilizam apenas alguns campos, essa escolha depende do objetivo da obra e autor. Abaixo apresentamos o conceito de cada unidade que compõe o verbete de acordo com Faulstich (2010, p. 180-183):

FICHA TERMINOLÓGICA Modelo Faulstich (2010, p. 180-183)	
<b>1. Número</b>	Ordem numérica do registro feito
<b>1. entrada</b>	Unidade linguística que possui o conteúdo semântico da expressão terminológica na linguagem de especialidade. É o <b>termo</b> <sup>2</sup> propriamente dito, o termo principal.
<b>2.categoria gramatical</b>	Indicativo da categoria, na gramática da língua, a que pertence o termo ou da estruturação sintático-semântica do termo. Pode ser n=nome; s=substantivo; v=verbo; utc=unidade terminológica complexa, ou outra que seja necessário.
<b>3. gênero</b>	Indicativo do gênero a que pertence o termo na língua descrita, como m=masculino; f=feminino.
<b>4. variantes (s)</b>	Formas concorrentes com a entrada. As variantes correspondem a uma das alternativas de denominação para um mesmo referente. Elas podem ser variantes terminológicas linguísticas e variantes terminológicas de registro.
<b>5. sinônimo (s)</b>	Formas coocorrentes no discurso da linguagem de especialidade cujo significado é idêntico ao do termo da entrada. No glossário, os sinônimos são termos remissivos.
<b>6. área</b>	Indicativo da área científica ou técnica em que o termo é usado.
<b>7. definição</b>	Sistema de distinções recíprocas que servem para descrever conceitos pertinentes aos termos.

<sup>2</sup> grifo da autora.

<b>8. fonte de constituição da definição</b>	Registro do nome do autor, da obra, data etc. de onde foi compilada a definição. O campo deve ser preenchido mesmo que o autor do dicionário ou glossário seja o autor ou o adaptador das definições. Nestes casos, para evitar repetições desnecessárias, a referência pode aparecer na apresentação da obra.
<b>9. contexto</b>	O contexto é um fragmento de texto no qual o termo principal aparece registrado, transcrito com o fim de demonstrar como é usado na linguagem de especialidade.
<b>10. fonte contexto</b>	Registro do autor, obra, data de onde foi extraída a frase contextual, também chamada de abonação. O campo deve ser preenchido mesmo que o autor do dicionário ou glossário seja o autor dos contextos. Neste caso, para evitar repetições desnecessárias, a referência única pode ser informada na apresentação da obra.
<b>11. remissivas</b>	Sistema de relação de complementariedade entre termos. Os termos remissivos se relacionam de maneiras diversas, dependendo da contiguidade de sentido. Podem ser termos hiperônimos, hipônimos e termos conexos.
<b>12. nota</b>	Comentário prático, linguístico ou enciclopédico, que serve para complementar as informações da definição.
<b>13. equivalente</b>	Termos de línguas estrangeiras que possuem o mesmo referente. No dicionário, incluem-se os termos equivalentes das línguas selecionadas, segundo o plano da obra.
<b>14. autor</b>	Registro do nome do responsável intelectual pela elaboração da ficha de terminologia; o registro pode ser feito por meio de sigla ou abreviação.
<b>15. Redator</b>	Registro do nome do responsável pelo preenchimento/digitação da ficha de terminologia; o registro pode ser feito por meio de sigla ou abreviação.
<b>16. data</b>	Registro do dia, mês, ano em que a ficha foi preenchida/digitada.

Quadro 2: Ficha Terminológica Proposta de Faulstich.

Fonte: (FAULSTICH, 2010, p. 180-183)

Dentre os dicionários, glossários e vocabulários há também a necessidade de se definir o público-alvo da obra. Houve um período no Brasil, em que a grande produção lexicográfica era de dicionários monolíngues. Porém nos últimos dez anos o aumento ocorreu em dicionários bilíngues. Estes descrevem o léxico de duas línguas ou os termos no caso da linguagem de especialidade. *Os dicionários bilíngues confrontam dois sistemas linguísticos e, notadamente dois sistemas lexicais* (FAULSTICH, 2010.p.175)

Os dicionários, glossários e vocabulários bilíngues Língua Portuguesa e Língua Brasileira de Sinais apresentam uma estrutura e organização diferenciada das demais

TUXI, Patrícia. **DICIONÁRIO, GLOSSÁRIO OU VOCABULÁRIO? UMA ANÁLISE DE OBRAS LEXICOGRAFICAS E TERMINOGRAFICAS EM LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS**. In: I Congresso Nacional de Pesquisas em Linguística de Línguas de Sinais, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2016, p.1-15.

obras bilíngues onde ambas as línguas são de modalidade oral-auditiva. Ao elaborar uma obra em que uma das modalidades é visual e espacial há a necessidade de apresentar um produto que respeite as especificidades linguísticas tanto do português quanto da Libras.

O verbete abaixo faz parte do *Glossário Sistemico Bilíngue Português-Libras de Termos da História do Brasil*, desenvolvido por Eduardo Felipe Felten como resultado de pesquisa do mestrado realizado na Universidade de Brasília (UnB). O autor trabalha com a Unidade Terminológica Sinalizada de Faria-Nascimento (2009) e organiza a forma e o registro de forma diferente da língua portuguesa.

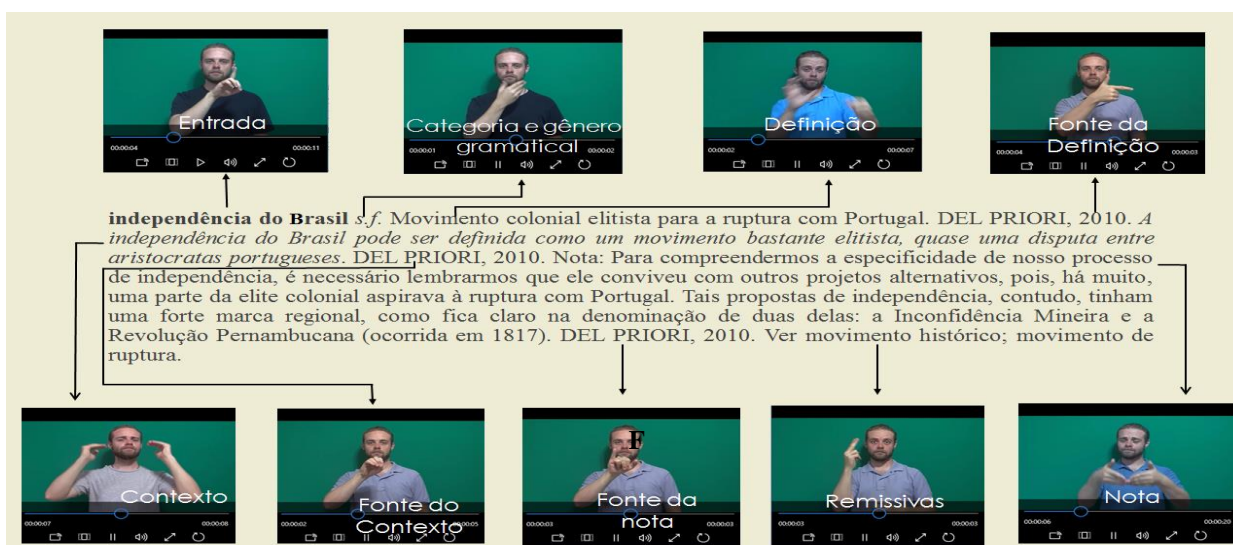


Figura 1: Verbetes bilíngue *Glossário Sistemico Bilíngue Português-Libras de Termos da História do Brasil*.

Fonte: (FELTEN, 2016, p. 123).

Para Felten (2016) registrar o verbete de forma completa, ou seja, nas duas línguas foi uma escolha de ordem política e social. Ao registrar em sua forma bilíngue a obra tende a demonstrar que as formas são distintas e não uma tradução da outra.

Sendo assim, o objetivo desta pesquisa foi analisar dicionários, glossários, sinalários ou vocabulários bilíngues que foram criados na última década. Para atingir a esse objetivo, a pesquisa segue a metodologia: i) levantamento dos dicionários, glossários, sinalários e léxicos criados no âmbito da academia; ii) levantamento dos glossários, sinalários e léxicos criados em ambientes online; iii) análise dessas obras seguindo a proposta de avaliação de dicionários de Faulstich (1998) apresentada a seguir.

O Roteiro para avaliação de dicionários e glossários científicos e técnicos, elaborado pela equipe do Centro de Estudos Lexicais e Terminológicos – Centro Lexterm da Universidade de Brasília sob a orientação da Professora Doutora Enilde Faulstich. Teve sua primeira versão em 1998, conforme segue abaixo.

**ROTEIRO PARA AVALIAÇÃO DE DICIONÁRIOS DE LÍNGUA COMUM E DE  
DICIONÁRIOS OU GLOSSÁRIOS CIENTÍFICOS E TÉCNICOS**  
(Fonte : FAULSTICH, 1998)

Título:  
Autor:  
Editora:  
Edição:  
Data:  
Local de publicação:  
Volume(s):  
Epígrafe:

1. Sobre o autor

- 1.1. Trata-se de pessoa reconhecida na área de dicionarística ou de terminologia?
- 1.2. Fez parte de grupo de pesquisa da área de dicionarística ou de terminologia?
- 1.3. Qual a formação acadêmica do autor principal e dos participantes do grupo de pesquisa?
- 1.4. Qual a profissão exercida na época da publicação da obra em análise?

2. Sobre a apresentação da obra pelo autor

- 2.1. Há introdução na qual apareçam claramente:
  - a) os objetivos da obra?
  - b) o público para o qual o conteúdo se dirige?
  - c) Há informações sobre como consultar o dicionário ou vocabulário?
  - d) referências à bibliografia de onde foi extraído o corpus?
- 2.2. Há bibliografia de consulta justificada pelo autor

3. Sobre a apresentação material da obra

- 3.1. Há prefácio redigido por personalidade reconhecida na área de dicionarística? científica, técnica?
- 3.2. A família tipográfica empregada é adequada à faixa etária do usuário?
- 3.3. As ilustrações, se houver, estão adequadas à microestrutura informacional?
- 3.4. A utilização de negrito, de itálico e de outros recursos gráficos está de acordo com o equilíbrio visual da obra?
- 3.5. Os verbetes são apresentados em ordem alfabética? Em ordem sistemática?
- 3.6. A obra contempla uma só língua? Mais de uma?
- 3.7. O formato do dicionário ou vocabulário permite manuseio prático e fácil?
- 3.8. A obra está editada em suporte informatizado?
- 3.9. A qualidade do acabamento garante a sua durabilidade?

TUXI, Patrícia. **DICIONÁRIO, GLOSSÁRIO OU VOCABULÁRIO? UMA ANÁLISE DE OBRAS LEXICOGRAFICAS E TERMINOGRAFICAS EM LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS**. In: I Congresso Nacional de Pesquisas em Linguística de Línguas de Sinais, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2016, p.1-15.



- 3.10. O sistema de abreviações e de símbolos aparece corretamente no corpo do texto?  
 3.11. A obra possui ampla divulgação?

#### 4. Sobre o conteúdo

- 4.1. As entradas cobrem de maneira exaustiva a língua oral e escrita, inclusive neologismos, palavras derivadas, etc.?  
 4.2. Há entradas que se referem a áreas de especialidade?  
 4.3. Os verbetes apresentam:  
 a) categoria gramatical?  
 b) gênero?  
 c) sinonímia?  
 d) variante(s) da entrada?  
 e) variante(s) da definição?  
 f) critérios para distinguir homonímia de polissemia? Quais?  
 g) marcas de uso? Como se classificam?  
 h) indicação de área ou subárea de especialidade?  
 i) contexto? ( exemplo ou abonação?)  
 j) equivalente(s)?  
 k) formação da palavra?  
 l) indicação de pronúncia?  
 m) origem e etimologia?  
 n) divisão silábica?  
 o) nomenclatura científica?  
 p) remissivas úteis entre conceitos?  
 q) fontes?  
 r) notas?  
 4.4. A definição é constituída de um enunciado de uma só frase?  
 4.5. A definição leva em conta o nível de discurso do usuário?

#### 5. Sobre a edição e publicação

- 5.1. Recomenda-se a edição e a publicação da obra?  
 5.2. Quais serão os principais pontos de difusão da obra?

No intuito de avaliar as obras em língua de sinais, fizemos a opção por organizar os dados de registro, conforme o roteiro de Faulstich (1998) e analisar se o mesmo pode ser utilizado em uma língua visual- espacial como a Libras.

Para atingir o objetivo selecionamos três obras, que consideramos de impacto para a análise e compreensão de cada tipo, ou seja, o vocabulário, o glossário e o dicionário.<sup>3</sup>

---

<sup>3</sup> A avaliação apresenta apenas os campos que o vocabulário, glossário e dicionário apresentam. Essa escolha se deve ao número de páginas limite do artigo e pelo número de campos não preenchidos devido à peculiaridade linguística da obra.

TUXI, Patrícia. **DICIONÁRIO, GLOSSÁRIO OU VOCABULÁRIO? UMA ANÁLISE DE OBRAS LEXICOGRÁFICAS E TERMINOGRÁFICAS EM LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS**. In: I Congresso Nacional de Pesquisas em Linguística de Línguas de Sinais, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2016, p.1-15.

## VOCABULÁRIO 01

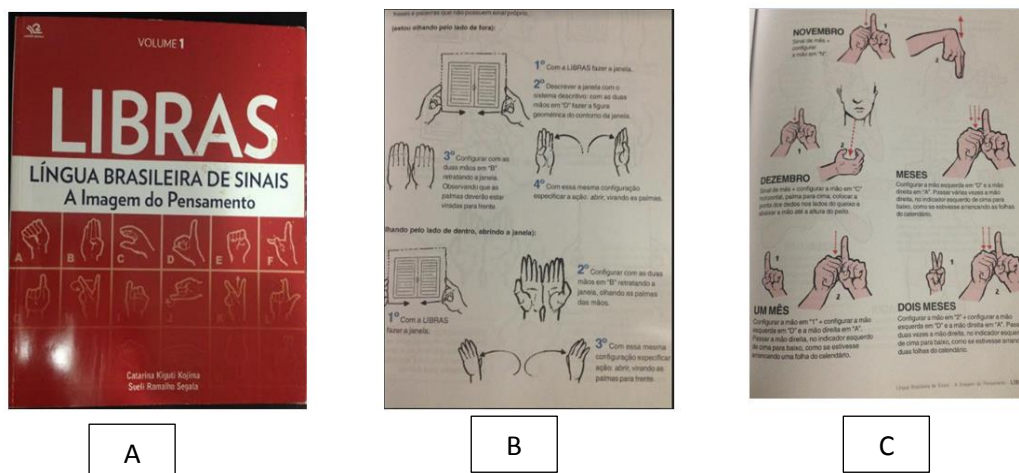


Figura 2: LIBRAS LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS – A Imagem do Pensamento.  
Fonte: KOJIMA e SEGALA – sem indicação de ano

Título: LIBRAS LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS – A Imagem do Pensamento. (A)  
Autoras: Cararina Kiguti Kojima e Sueli Ramalho Segala. Apesar de não serem reconhecidas nas áreas de dicionarísticas ou de terminologia são atuantes nas áreas de políticas públicas, ensino e arte na Língua Brasileira de Sinais.

Há introdução onde apresenta o objetivo da obra, sendo este, divulgar a língua de sinais. Não há um público específico e apresenta referências bibliográficas. Trabalha também como a obra deve ser lida, para tanto faz uso de imagens explicativas (B). O uso de ilustrações está atrelado ao verbete. Não há suporte informatizado. A obra tem organização sistêmica. São apresentados por configuração de mão, posterior por assunto de calendários e em seguida apresenta formas de comunicação do surdo.

O verbete representado na figura (C) tem a seguinte estrutura:

**Verbetes = + entrada + descrição fonológica do sinal em LSB + equivalência em LSB<sup>4</sup>.**

Não há registro dos demais campos nesse Vocabulário. Não há definição em nenhuma das duas línguas em questão.

<sup>4</sup> A equivalência em LSB é a foto, desenho enfim imagem do sinal.

## VOCABULÁRIO 02

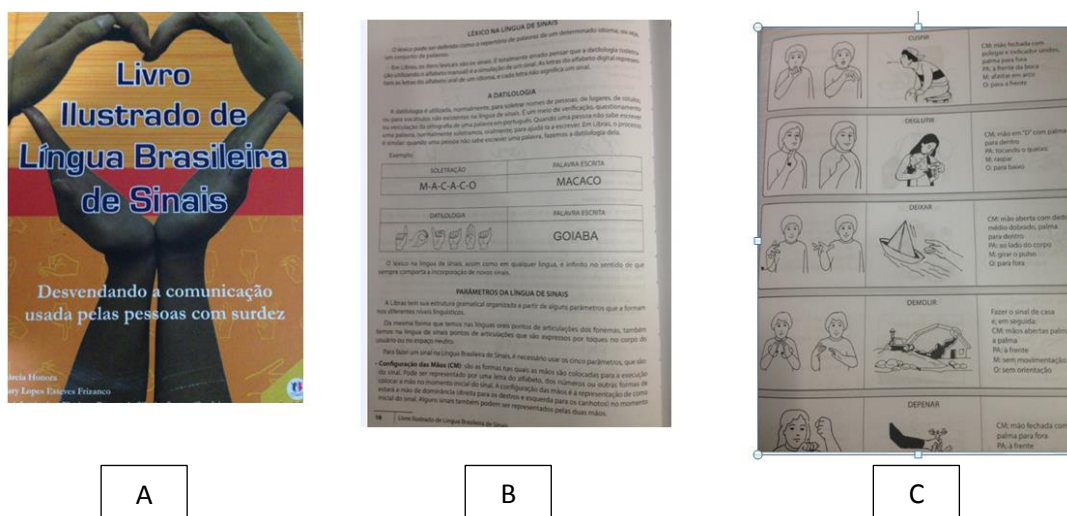


Figura 3: LIVRO ILUSTRADO DE LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS – Desvendando a comunicação usada pelas pessoas com surdez.  
Fonte: HONORA e FRIZANCO – 2010

Título: LIVRO ILUSTRADO DE LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS – Desvendando a comunicação usada pelas pessoas com surdez.

Autoras: Márcia Honora, Mary Lopes Esteves Frizanco. Revisão Técnica: Flaviana Bordes da Silveira Saruta (Surda). Ambas as autoras não são reconhecidas nas áreas de dicionarísticas ou de terminologia da Libras. Há um prefácio sobre a história da língua de sinais, escrito pelo Coordenador da Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos – FENEIS.

Há introdução onde apresenta a estrutura gramatical da Libras (B). Não há um público específico e apresenta referências bibliográficas. O uso de ilustrações está atrelado ao verbete. Não há suporte informatizado. A obra tem uma organização sistêmica, como conteúdos de aula.

Quanto ao verbete este apresenta a estrutura (C) :

**Verbete = + sinal em Libras + imagem que caracteriza o léxico + descrição fonológica do sinal em LSB .**

Não há registro dos demais campos nesse Vocabulário.

## GLOSSÁRIO

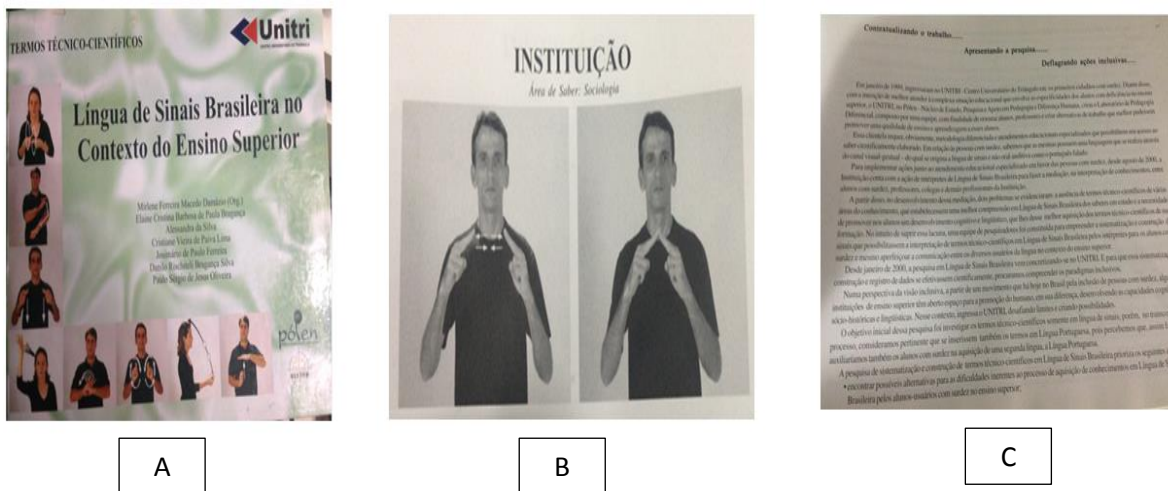


Figura 4 TERMOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS – Língua de Sinais Brasileira no Contexto do Ensino Superior  
Fonte: DAMAZIO (Org) – 2005

Título: TERMOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS – Língua de Sinais Brasileira no Contexto do Ensino Superior.

Autoras: Mirlene Ferreira Macedo Damázio (Org); Elaine Cristina Barbosa de Paula Bragança; Alessandra da Silva; Cristiane Viera de Paiva Lima; Josimário de Paulo Ferreira; Danilo Rischitelli Bragança Silva e Paulo Sérgio de Jesus Oliveira. Entre os autores não há profissionais das áreas de dicionarísticas ou de terminologia da Libras. Entre os autores há surdos que participaram da elaboração do material e atuam como modelos no glossário. Há um prefácio explicativo sobre o tema assinado pela reitora da universidade, pois o glossário em questão foi produzido na UNITRI – Centro Universitário do Triângulo.

Há introdução contextualizando o trabalho. (B). O público são os alunos do meio acadêmico em geral. O uso de ilustrações, no caso fotos, está atrelado ao verbete. Há um DVD como suporte informatizado. A obra tem uma organização alfabética.

Quanto ao verbete este apresenta a estrutura (C):

**Verbete = + entrada + área + sinal em Libras.**

Não há registro dos demais campos nesse Vocabulário.

TUXI, Patrícia. **DICIONÁRIO, GLOSSÁRIO OU VOCABULÁRIO? UMA ANÁLISE DE OBRAS LEXICOGRÁFICAS E TERMINOGRÁFICAS EM LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS**. In: I Congresso Nacional de Pesquisas em Linguística de Línguas de Sinais, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2016, p.1-15.

## DICIONÁRIO

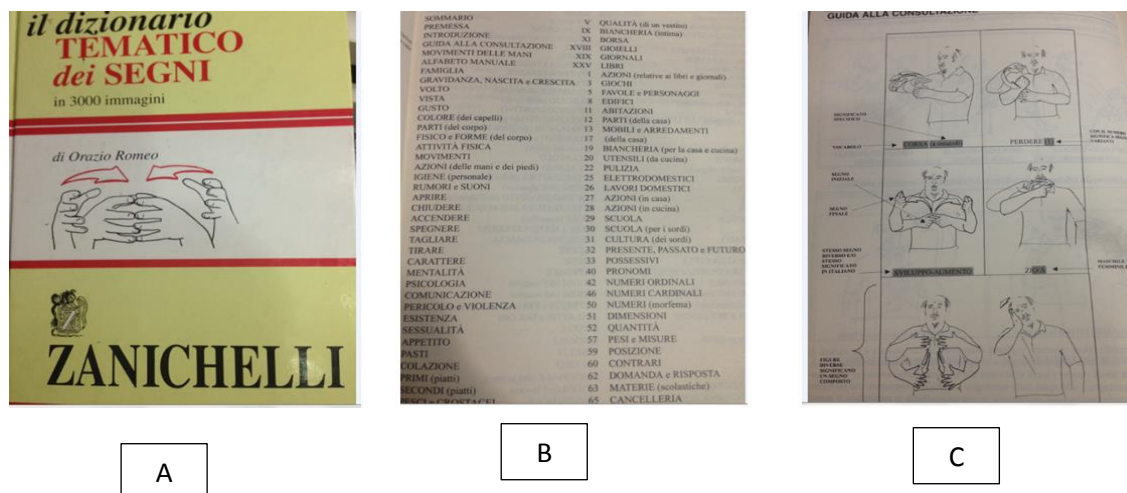


Figura 5 il dizionario TEMATICO dei SEGNI – in 3000 immagini.  
Fonte: ROMEO, Orazio – 2009 (5ed.)

Título: il dizionario TEMATICO dei SEGNI – in 3000 immagini.

Autoras: Orazio Romeo. O autor já produziu oito obras dicionarísticas ou de terminologia da Língua de Sinais Italiana. Há um prefácio que o próprio autor assina.

Há introdução que apresenta o motivo da ordem sistêmica que adotou no dicionário e a explicação dos movimentos das mãos, são dezoito páginas (B). Não há público de destino. O uso de ilustrações está atrelado ao verbete. A obra tem uma organização sistêmica.

Quanto ao verbete este apresenta a estrutura (C):

**Verbete = sinal em LSI + léxico em italiano.**

Não há registro dos demais campos nesse Vocabulário.

## CONSIDERAÇÕES NADA FINAIS

Após o percurso investigativo percorrido por esta pesquisa, foi possível registrar que há dicionários, glossários, vocabulários e léxicos especializados em língua de sinais reproduzem listas de palavras traduzidas de uma língua para a outra, sem maiores relações conceituais, ou mesmo, de estrutura entre as línguas. Desta forma os vocabulários, glossário e dicionário apresentados não foram organizados com base nos

TUXI, Patrícia. **DICIONÁRIO, GLOSSÁRIO OU VOCABULÁRIO? UMA ANÁLISE DE OBRAS LEXICOGRÁFICAS E TERMINOGRÁFICAS EM LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS**. In: I Congresso Nacional de Pesquisas em Linguística de Línguas de Sinais, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2016, p.1-15.

Estudos do Léxico e da Terminologia. Fica evidente a necessidade de um esclarecimento a respeito do conceito destas áreas e sua representação no registro do produto, ou seja, tanto na lexicografia como na terminografia.

Portanto, há uma lacuna na forma de organização e registro do léxico ou do termo quando inseridos em obras, pois embora haja a possibilidade da aplicação das técnicas lexicográficas e terminográficas nas línguas de sinais, esta ainda é grafada e registrada como uma língua oral. Nenhuma das obras analisadas utilizaram um sistema de escrita de sinais, sendo que no Brasil há três hipóteses: SIGWRITTING, ELIS e SEL. Portanto é importante atentar ao apontamento feito por Faulstich “*um lexicógrafo que deseje elaborar materiais em Libras deverá fundamentar a teoria lexicográfica em concepções linguísticas que não sejam as mesmas para os usuários ouvintes, porque, acima de tudo, o ensino e a aprendizagem da(s) língua(s) se dá de forma diferenciada.*” FAULSTICH, 2007.p.155). Esse trabalho entende essa necessidade e aponta a urgência de organização de linguistas usuários de Libras como primeira língua com formação e pesquisas na área de Léxico e Terminologia, junto a profissionais não-surdos, também especialistas na área, primarem pela organização de grupos de estudo e pesquisa que proponham uma estruturação, descrição, organização e registro de obras lexicográficas e terminográficas que sejam modelo inclusive para a forma de atuação e ensino do léxico e do termo no meio acadêmico.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARROS, L. A. **Curso Básico de Terminologia**. São Paulo: Edusp, 2004.

CORREIA, M. **Os Dicionários Portugueses**. Lisboa: Editorial Caminho, 2009.

FELTEN, Eduardo F. **Glossário Sistêmico Bilingue Português-Libras de Termos da História do Brasil**. Dissertação de Mestrado em Linguística. PPGL: Universidade de Brasília, 2016.

FAULSTICH, E. Avaliação de dicionários: uma proposta metodológica. **Organon**: revista da Faculdade da Filosofia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, v. 25, n. 50, 2011.

\_\_\_\_\_. **Base metodológica para pesquisa em socioterminologia**: termo e variação. Brasília: Centro Lexterm, 1995. p. 31.

\_\_\_\_\_. Para gostar de ler um dicionário. In: **Pelos caminhos da dialetologia e da sociolinguística**: entrelaçando saberes e vidas. Conceição de Maria de Araújo Ramos; José de

TUXI, Patrícia. **DICIONÁRIO, GLOSSÁRIO OU VOCABULÁRIO? UMA ANÁLISE DE OBRAS LEXICOGRAFICAS E TERMINOGRAFICAS EM LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS**. In: I Congresso Nacional de Pesquisas em Linguística de Línguas de Sinais, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2016, p.1-15.

Ribamar Mendes Bezerra; Maria de Fátima Sopas Rocha. São Luiz: EDUFMA, 2010. p. 166-185.

\_\_\_\_\_. **Glossário sistêmico de léxico terminológico para pesquisadores surdos**. Brasília, Centro Lexterm, 2012. Em elaboração.

\_\_\_\_\_. **Metodologia para Elaboração de Dicionários, Glossários e Léxicos, com Modelo de Fichas de Terminologia e de Verbete**. Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas - LIP- IL - UnB. Centro de Estudos Lexicais e Terminológicos - Centro Lexterm, Brasília, 2014 - Trabalho entregue em laboratórios de Lexicologia e Terminologia turma Pós-Graduação.

\_\_\_\_\_. Características conceituais que distinguem o que é de para que serve nas definições de terminologias científica e técnica. In: ENCONTRO INTERMEDIÁRIO DO GRUPO DE TRABALHO DE LEXICOLOGIA, LEXICOGRAFIA E TERMINOLOGIA DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM LETRAS E LINGÜÍSTICA (ANPOLL), **ATAS...**, 2013a. Disponível em: <<http://www.centrolexterm.com.br/#!artigos2014/cdbb>>. Acesso em: 20 jan. 2015.

\_\_\_\_\_. Formação de termos: do constructo e das regras às evidências empíricas. In: FALSTICH, Enilde; ABREU, Sabrina Pereira. (Orgs.). **Linguística aplicada à terminologia e à lexicografia**: cooperação internacional: Brasil e Canadá. Porto Alegre: UFRGS, Instituto de Letras, NEC, 2003. p. 11-32.

GOMES, P. **O Processo de Aquisição Lexical na Infância e a Metalexigrafia do Dicionário Escolar** - Doutorado em Linguística -Universidade de Brasília, UnB, Brasil. Título: Ano de obtenção: 2007.

WELKER, H. Dicionários. **Uma pequena INTRODUÇÃO À LEXICOGRAFIA**. 2.ed. revista e ampliada. Brasília: Thesaurus, 2004.

KRIEGER, M.G. e FINATTO, M. – **Introdução à terminologia: teoria e prática**. Contexto, São Paulo – 2004.

TUXI, Patrícia. **DICIONÁRIO, GLOSSÁRIO OU VOCABULÁRIO? UMA ANÁLISE DE OBRAS LEXICOGRÁFICAS E TERMINOGRÁFICAS EM LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS**. In: I Congresso Nacional de Pesquisas em Linguística de Línguas de Sinais, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2016, p.1-15.